

A NOVA ORDEM MUNDIAL CIVILIZACIONAL DA DIREITA

*Michael C. Williams**

O civilizacionismo, correspondendo a ideia de que a política mundial gira em torno de civilizações culturalmente delimitadas e lideradas por grandes potências, está alimentando a direita em ambos os lados do Atlântico. Essa ideologia está por trás do esforço de dismantelar o universalismo e reformular a ordem internacional.

Poucos documentos capturaram a atenção das elites da política externa como a Estratégia de Segurança Nacional dos EUA para 2025 (NSS). Divulgada discretamente no início de dezembro, rapidamente suscitou elogios em Moscou e Pequim, ao mesmo tempo que provocou consternação e até mesmo raiva entre os aliados dos Estados Unidos na Europa Ocidental e em outras regiões.

Em sua essência, a Estratégia de Segurança Nacional (NSS) apresenta uma visão civilizacional da política mundial. O mundo deve ser visto como uma série de complexos civilizacionais centrados em grandes potências que ancoram suas civilizações e exercem hegemonia em suas regiões. O Ocidente não é apenas uma localização geográfica: é uma esfera histórica e cultural distinta. Crucialmente, essa civilização é ameaçada menos por ameaças militares externas do que por perigos internos — a cultura e a política corrosivas do liberalismo e as destruições e depredações econômicas e sociais do globalismo de mercado. Essa é uma visão surpreendentemente divergente e, em muitos aspectos, preocupante da política mundial. O universalismo que sustenta o globalismo liberal e os direitos humanos é explicitamente rejeitado. Desenvolver laços entre Estados soberanos unidos por uma civilização comum e culturas excludentes é sua prioridade.

Apesar da notoriedade da Estratégia de Segurança Nacional (NSS), as ideias nela apresentadas não são novas. Foram declaradas por Donald Trump em 2016 e proclamadas por J.D. Vance em seu discurso amplamente divulgado na Conferência de Segurança de Munique, onze meses antes de a NSS ser lançada. Tampouco são exclusivamente estadunidenses. O civilizacionismo é o discurso geopolítico dominante dos conservadores radicais em toda a Europa. Para entender o poder e a popularidade do civilizacionismo, precisamos vê-lo como uma estratégia política, bem como um conjunto de ideias. Ao fortalecer atores conservadores radicais internamente e apoiar novas estratégias no exterior, o civilizacionismo faz parte de uma tentativa mais ampla de reestruturar fundamentalmente a ordem internacional.

*Professor de Ciência Política na Universidade de Ottawa e pesquisador na Queen Mary, Universidade de Londres. Seu livro mais recente é "World of the Right: Radical Conservatism and Global Order"(Mundo da Direita: Conservadorismo Radical e Ordem Global). Tradução de Pedro Silva. Publicado original no site Jacobin Brasil em 03.03.2026.

Fabricando Estados civilizacionais

O civilizacionismo representa uma forma de política transnacional que opera de maneiras diferentes, mas que se reforçam mutuamente, tanto na política interna quanto na externa, em ambos os lados do Atlântico. Nos Estados Unidos, está ligado ao que um comentarista chamou de “batalha pelo futuro da direita pós-Trump”. Em sua essência, está uma luta pela identidade nacional estadunidense: se os Estados Unidos são uma nação de “credenciais”, definida por um compromisso com valores universais e aberta, em princípio, a todos, ou se são — ou deveriam ser — um país definido e dominado pelos valores e pela linhagem dos “estadunidenses originais”. O civilizacionismo dá forma ideológica a essa compreensão mais exclusiva da identidade estadunidense. Não é surpreendente que Vance tenha sido um de seus principais proponentes. Reivindicar uma identidade civilizacional internacionalmente — e tê-la reconhecida e ecoada por outros conservadores, como o presidente da Hungria, Viktor Orbán — também é uma forma de reforçar essa reivindicação internamente.

Ao mesmo tempo, o civilizacionalismo também serve para reformular os debates sobre o futuro da política externa dos EUA e o lugar do país no mundo. Durante décadas, a escolha fundamental nesses debates foi entre internacionalismo e isolacionismo, sendo este último considerado ideologicamente restrito e estrategicamente irrealista. O civilizacionalismo oferece uma terceira opção: a dos EUA como um Estado civilizacional — uma grande potência no centro de uma região mais ampla e culturalmente congruente.

Isso também possibilita novas iniciativas e estratégias diplomáticas. Se as relações internacionais são definidas não apenas pelas interações entre Estados formalmente soberanos, mas também pelos destinos civilizacionais, isso justifica tratar os Estados de forma diferenciada, dependendo de seu compromisso e importância para a civilização. Novamente, a Estratégia de Segurança Nacional deixa isso claro, enfatizando a necessidade de os Estados Unidos apoiarem governos conservadores radicais. Ela também abre caminho para novas táticas não limitadas pelas normas de não interferência soberana, como o apoio declarado ou o contato com atores da sociedade civil e partidos políticos ideologicamente alinhados com o governo atual. Isso inclui desde críticas públicas a governos europeus por retrocesso civilizacional, apoio financeiro formal a *think tanks* de direita, incentivo a separatistas canadenses ou até mesmo a organização de encontros aparentemente inofensivos entre o vice-presidente e aliados civilizacionalistas da direita britânica na zona rural de Oxfordshire. O resultado é uma estratégia diplomática que contorna os limites tradicionais da não interferência soberana, ao mesmo tempo que exige uma soberania (civilizacional) mais assertiva.

A Europa como fortaleza civilizacional

Do outro lado do Atlântico, a política civilizacional também desempenha um papel central nas campanhas internas da extrema-direita contra o liberalismo e nas lutas pelo futuro do conservadorismo. Isso é particularmente evidente no Reino Unido, onde o Partido Reformista faz campanha para substituir o Partido Conservador como porta-estandarte da direita, com a conivência de ex-membros conservadores de direita e com o apoio declarado do vice-presidente dos EUA.

No continente, os ataques às “elites globalistas da UE” e os apelos à reafirmação de identidades, valores e interesses nacionais exclusivos têm sido um elemento básico da retórica política de direita há anos. No entanto, os apelos à civilização ocidental desempenham agora um papel proeminente nas tentativas de reconciliar o nacionalismo com a europeidade, contrabalançando as acusações de autarquia nacional irrealista através da construção de uma civilização europeia alternativa, baseada no cristianismo ou no Iluminismo. Essa visão proporciona um certo grau de unidade internacional, ao mesmo tempo que exclui as suas outras civilizações, em particular as islâmicas.

“Apelos à civilização ocidental desempenham hoje um papel proeminente nas tentativas de reconciliar o nacionalismo com a identidade europeia”

Essas ideias também permitiram que a extrema-direita passasse da rejeição à UE à busca por sua reforma, transformando-a em um baluarte da civilização europeia e de suas nações soberanas. É importante ressaltar que esse não é apenas um discurso pan-europeu. Grande parte da extrema-direita europeia também é atlanticista e ocidental, buscando constantemente apoio para sua causa por meio de alianças com a direita estadunidense. Nessas narrativas, a Estratégia de Segurança Nacional (NSS) demonstra o desejo dos Estados Unidos de salvar a Europa e sua civilização ocidental das elites liberais que a estariam destruindo. Essa perspectiva fornece aos partidos de extrema-direita não apenas munição para seus ataques tradicionais a essas elites, mas também a alegação de que somente se movendo para a direita política a Europa poderá garantir que os Estados Unidos permaneçam comprometidos com a segurança econômica e militar do continente. Partindo dessa posição, a conclusão é óbvia:

Apesar dos alertas cautelosos de Washington, as elites da UE não mudarão — isso já está evidente. Em vez disso, estão acelerando na mesma trajetória descendente. Ao fazer isso, minam a única aliança restante que poderia ancorá-las em uma ordem global cada vez mais volátil e instável — uma aliança sem a qual o poder econômico e diplomático da Europa só continuará a diminuir. Ao se vincular estreitamente a parceiros ideológicos do outro lado do Atlântico, a direita europeia busca, assim, colher vantagens eleitorais, bem como apoio e legitimação no exterior.

Universalismo em desvantagem

Em suma, o que observamos na política de direita não é a expressão de uma civilização ou de um Estado civilizacional que já exista em um sentido simples. Em vez disso, trata-se da utilização de reivindicações civilizacionais em lutas políticas internas e externas, juntamente com o desenvolvimento de novas estratégias transnacionais que buscam influenciar a identidade política, a política eleitoral e a política externa.

A estratégia civilizacional tem limites. Enquanto civilização e soberania parecerem se encaixar perfeitamente, as tensões óbvias entre elas podem ser negociadas. Mas quando o Estado civilizacional central age como uma grande potência unilateralista, violando a soberania em nome de interesses nacionais, as dificuldades se tornam quase impossíveis de disfarçar. Os planos do governo Trump para a Groenlândia — e a consternação que causaram em parte da extrema-direita europeia — são um exemplo clássico. Mas os oponentes da direita não devem se sentir muito confortáveis com essas tensões.

A indignação da direita europeia está ligada ao desafio estadunidense à soberania da Dinamarca, um Estado europeu e aliado da OTAN; uma inquietação semelhante é menos provável em resposta a intervenções na América Central e no Caribe. Além disso, as divergências podem ser estrategicamente atenuadas sem comprometer o objetivo de reformar a relação geopolítica. O discurso de Marco Rubio na Conferência de Munique de 2026 foi, em certo sentido, mais conciliatório. Mas suas visitas subsequentes à Eslováquia e à Hungria, dois países com governos de direita em forte desacordo com a UE, deixaram a mensagem subjacente clara.

A força da narrativa civilizacional da direita é reforçada pelo fato de que uma resposta liberal tradicional a um argumento contracivilizacional baseado no universalismo foi minada não apenas pela direita, mas também por críticos da esquerda e do Sul Global, que a associam ao imperialismo ocidental. As dificuldades enfrentadas pela Comissão Europeia ao tentar construir uma contranarrativa demonstram o desafio, bem como o risco, de que seguir esse caminho possa, inadvertidamente, amplificar os argumentos civilizacionais de seus oponentes. O civilizacionalismo está subitamente em toda parte na retórica das relações internacionais. Isso por si só já deveria nos alertar para a probabilidade de que sua popularidade não seja algo tão inocente assim.